

ESTILOS DE APRENDIZAGEM NO ENSINO SUPERIOR: um estudo com universitários ribeirinhos do Piauí

Fauston Negreiros¹

Ellery Henrique Barros da Silva²

Jennifer Alves Lima³

RESUMO

Este artigo resulta de estudos acerca dos estilos de aprendizagem de estudantes do ensino superior do estado do Piauí, residentes em comunidades ribeirinhas. Desse modo, a metodologia utilizada foi a quanto-qualitativa e quanto aos seus objetivos de pesquisa é classificada como exploratório-descritiva. Essa pesquisa teve a participação de 400 estudantes, sendo 105 do curso de Administração; 91 de Biologia; 94 de Enfermagem; 110 de Pedagogia. O instrumento de coleta de dados foi o questionário Preferências Perceptuais em Estilos de Aprendizagem Joy Reid. O material coletado foi analisado estatisticamente pelo programa *GraphPadPrism*. Seguidamente os dados foram tratados e confrontados com a técnica da Hermenêutica de Profundidade, seguindo suas três etapas: a análise sócio-histórica; a análise formal ou discursiva; a (re) interpretação. Os resultados obtidos podem contribuir para o melhor desenvolvimento dos discentes, com novas propostas metodológicas baseadas no estilo de aprendizado preferencial de cada curso, considerando as singularidades da formação e do mercado de trabalho.

Palavras-chave: Estilos de aprendizagem. Aprendizagem. Ensino superior.

1 Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Mestre e doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: faustonnegreiros@ufpi.edu.br.

2 Professor da Educação Básica. Pedagogo pela UFPI. Especialista em Gestão Educacional em Rede pela UFPI. E-mail: elleryhbs@gmail.com.

3 Pedagoga pela UFPI. Membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Psicologia Educacional (PSIQUEED). E-mail: jennifer_lima@hotmail.com.

LEARNING STYLES IN HIGHER EDUCATION: a study of Piauí bordering university

ABSTRACT

This article is the result of studies on students' learning styles of Piauí state of higher education, residents of riverside communities. Thus, the methodology used was quantitative qualitative and about their research objectives is classified as exploratory and descriptive. This survey was attended by 400 students, with 105 Administration course students; 91 Biology course; 94 of the nursing course; 110 from the Faculty of Education. The data collection instrument was a questionnaire Perceptual Preferences Joy Reid Learning Styles. The collected material was analyzed statistically by GraphPadPrism program. Then the data were analyzed and compared with the Depth Hermeneutics technique, following its three stages: a socio-historical analysis; the formal analysis or discursive; and (re)interpretation. The results may contribute to the better development of students, with new methodological proposals based on preferred learning style of each course, considering the peculiarities of training and the labor market.

Keywords: Learning styles. Learning. Higher education.

ESTILOS DE APRENDIZAJE EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR: un estudio de la universidad de Piauí bordeando

RESUMEN

Este artículo es el resultado de los estudios sobre los estilos de aprendizaje de los estudiantes de estado de Piauí de la educación superior, los residentes de las comunidades de ribera. Por lo tanto, la metodología utilizada fue cuanti-cualitativa y sobre sus objetivos de investigación se clasifica como exploratorio y descriptivo. Esta encuesta contó con la participación de 400 alumnos, con 105 estudiantes del curso de Administración; 91 del curso de Biología; 94 del curso de enfermería; 110

de la Facultad de Educación. El instrumento de recolección de datos fue un cuestionario de percepción Preferencias Estilos de Aprendizaje alegría Reid. El material recogido se analizó estadísticamente por el programa GraphPadPrism. A continuación, se analizaron y se compararon con la técnica profundidad hermenéutica, después de tres turbinas de los datos: un análisis socio-histórico; el análisis formal o discursivo; y (re) interpretación. Los resultados pueden contribuir a un mejor desarrollo de los estudiantes, con nuevas propuestas metodológicas basadas en el estilo preferido de aprendizaje de cada curso, teniendo en cuenta las peculiaridades de la formación y el mercado laboral.

Palabras clave: Estilos de Aprendizaje. El aprendizaje. Enseñanza superior.

Introdução

Este estudo tem como tema os estilos de aprendizagem no ensino superior em universitários advindos de comunidades ribeirinhas, contemplando os cursos de Enfermagem, Pedagogia, Ciências Biológicas e Administração, que se deu a partir da participação do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (Pibic).

Nesse sentido, possui como objetivo fazer um levantamento dos dados e uma análise geral da predominância de certos estilos de aprendizagem, nos diferentes cursos apresentados, de acordo com o contexto curricular que eles dispõem. A pesquisa classifica e mostra o percentual de afinidade dos alunos para com os estilos apresentados, separados por curso: Licenciatura em Pedagogia, Bacharelado em Administração, Licenciatura em Ciências Biológicas e Bacharelado em Enfermagem.

Segundo dados do Inep, no ano de 2012 a 2013, houve uma queda no número de concluintes no ensino superior de 5,9%, em contrapartida o número de ingressantes no ano de 2013 foi de 76,4%, o maior número registrado há dez anos. É perceptível que os alunos do

ensino superior encontram diversas dificuldades no seu processo de formação, podendo essas ser supridas ou não (BRASIL, 2013).

Desse modo, no universo pós-moderno, é possível se disponibilizar de diversas ferramentas que auxiliam na compreensão de ideias e práticas do âmbito pedagógico, porém há uma variabilidade no que se refere à maneira como cada indivíduo tem de captar esses dados. Diante disso, a pesquisa em questão é de caráter quanto-qualitativo, uma vez que o objetivo se baseia no conhecimento da singularidade do aluno em ter experiências que o levem a aprender um determinado conteúdo (AMORIM, 2016).

A forma como cada indivíduo se comporta ao assimilar informações, a maneira como as interpreta, as dificuldades que enfrenta para entender o que lhe foi apresentado, que recursos prefere utilizar, quais os métodos que dispõe, tudo isso dentro do contexto educacional do ensino superior, assim os Estilos de Aprendizagem (EA) continuam em processo de constituição atendendo as características pessoais do indivíduo e os condicionantes ao seu redor. Estes estilos são compreendidos com base na revisão de textos, com nomes importantes da área que ajudam a compreender e classificar os E.A (SANTOS, 2016).

Aprendizagem, conceituação e construção

A aprendizagem é um processo que começa desde o nascimento e continua durante toda a vida, sendo o processo no qual a pessoa se apropria ativamente do conteúdo da experiência humana. Dessa forma, ela ocorre no contexto social, familiar e educacional (PROCHNOW; VIEIRA; MARCHESAN, 2016).

De acordo com Vygotsky (2001), o aprendizado humano é de natureza social e é parte de um processo que a criança desenvolve seu intelecto dentro da intelectualidade dos que a cercam. Assim, ele se dá de acordo com o meio em que a pessoa está inserida, como comportamento social e cultural.

O conceito de aprendizagem em Wallon objetiva compreender a gênese dos processos psíquico do ser humano, apresentando uma concepção de desenvolvimento que inclui as dimensões intelectuais, afetiva e motora (NUNES; SILVEIRA, 2011, p. 116). Dessa forma, a relação do indivíduo com o meio é fator determinante para a aprendizagem, formulando de acordo com o crescimento sua subjetividade (ROMERO; SOLÍS; SOLÍS, 2016).

Com o avanço tecnológico, as formas de se adquirir esse aprendizado vêm se modificando, provocando mudanças também no contexto educativo. O acesso à informação se tornou mais amplo, transformando assim o modo de aprendizagem das pessoas. Nessa perspectiva, faz-se necessário que o professor utilize novas metodologias para que ocorra o processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Brasil (1996), a educação tem como finalidade o desenvolvimento pleno do educando, dando a este a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura e o saber. Nesse contexto, durante o processo de aprendizagem, o aluno não aprende somente, mas ensina, podendo contribuir com o processo de formação tanto do professor como dos colegas de classe. Por meio da interação, o aluno vai construindo novos conhecimentos, habilidades e significações (LEITE, 2016).

No ensino superior, a metodologia usada pelo professor pode dificultar no processo de aprendizagem. A passagem do ensino médio para o superior rompe com uma estrutura de ensino na qual o aluno já estava acostumado: ele possui menos disciplinas, baseadas principalmente na absorção de domínios, como o da leitura, da escrita e, principalmente, de cálculos (ALMEIDA; QUINTAS; GONÇALVES, 2016). De fato, uma base essencial para o desenvolvimento do aluno, mas no ensino superior se busca desenvolver o senso crítico dos alunos, com textos, muitas das vezes, com os quais os educandos não estão acostumados e encontram dificuldades para entender os conteúdos.

Em consonância com Negreiros (2015), a ação de aprender se constrói em vários contextos, ocorrendo em uma ocasião formal ou

informal. Dessa forma, a aprendizagem significativa dos alunos pode ocorrer tanto nas aulas teóricas como nos estágios e até mesmo durante algumas conversas nos corredores da universidade.

Durante a interação com os colegas, um determinado conteúdo que está sendo considerado difícil para um, está fácil para outro, e como na sala de aula não ocorreu o aprendizado para este aluno, o assunto pode ser discutido novamente, com percepções diferentes, podendo levar, assim, à aprendizagem, ou seja, a aprendizagem significativa ocorre quando a informação se ancora em conceitos relevantes preexistentes na estrutura cognitiva do aprendiz (GABRIEL; MORAIS; KOLINSKY, 2016).

A aprendizagem e seus níveis no contexto escolar

Para que o educador tenha êxito em seu trabalho, é preciso que esteja atento ao comportamento e às características do aluno, buscando averiguar se de fato está ocorrendo a aprendizagem, respeitando seu modo e seu tempo de aprender. Dentro disso, Trevelin (2011) afirma que os estilos de aprendizagem têm sido uma ferramenta valiosa para docentes, que passam a compreender a forma de aprendizado de seus alunos e também para estudantes, no sentido de analisarem suas preferências e arquitetar possíveis estratégias.

Como o estilo de aprendizagem é construído, este sofre diversas modificações ao longo da vida do educando. No nível da educação infantil e do ensino fundamental, a criança traz primordialmente os traços familiares: características fundamentais da criança, sendo ela calma ou agitada, extrovertida ou introvertida, observadora, curiosa, falante e assim por diante, isso interfere sim na forma como ela aprende. Ao longo do crescimento da criança por meio da captação do ambiente o qual ela está inserida, outras peculiaridades ganham caráter influenciador, por exemplo: se o bairro onde ela mora é barulhento ou perigoso, se ela tem contato com os vizinhos que possuem outra religião ou são de outra etnia, dentre outros aspectos.

Tais situações determinam o modo como o indivíduo vê o mundo a seu redor e as interpreta da forma que lhe cai bem. Isso tem relação intrínseca com a construção do estilo de aprendizagem de modo que, ao ser inserido no ensino superior, o estilo de aprendizagem ganha forma e começa a passar pelo processo de consolidação, o que não exclui a possibilidade de sofrer alterações (SCHAMAL, 2016). Neste nível, o educando continua a aplicar sua forma de assimilação e compreensão, levando em consideração aquilo que faz parte dele e isso é observado no seu modo de agir, falar, pensar e refletir, o que também é expresso nas suas atividades, avaliações e trabalhos em grupo dentro do âmbito educacional.

Conceituando os EA

Precisa-se reforçar que são infinitos os modos de aprender, portanto, também os são os estilos de aprendizagem, mas dentre todos eles muitos têm diversas características em comum, de forma que podem ser agrupados para melhor compreensão e assim facilitar o estudo, a identificação e a catalogação. Citam-se aqui estudiosos que empregaram seus esforços a fim de agrupar e cadastrar estes estilos.

David Kolb⁴ desenvolveu a teoria da aprendizagem experiencial que tem inspiração em estudos de Vygotsky e seguidores, a qual parte da seguinte premissa: todo desenvolvimento profissional prospectivo decorre da aprendizagem atual, assim como o desenvolvimento já constituído é imprescindível para o aprendiz. Ao constatar que aprender é um processo contínuo e ascendente, impulsionado e que define níveis de aprendizagem caracterizados pelas apropriações e experiências histórico-culturais do indivíduo: nível aquisitivo de desenvolvimento ou consciência identificadora (caracterizado pelo aprendiz de habilidades básicas que estão na base das estruturas cognitivas, responsáveis pela simbolização); nível especializado de desenvolvimento ou consciência interpretativa (o foco não está mais na performance, mas nos significados atribuídos à

4 David Kolb, filósofo americano e escritor do livro "Experiential learning".

ação); nível integrado de desenvolvimento ou consciência integrativa (a consciência estruturalmente integrada se deve à reunião de diferentes ações, operações e significações em um nível holístico) (PIMENTEL, 2007).

Desse modo, outro pesquisador que se envolveu na temática dos estilos de aprendizagem, mais especificamente sobre a inteligência, foi Howard Gardner⁵: ele questionou os conceitos e as definições de inteligência em sua época, baseadas em conhecimentos lógicos linguísticos ou matemáticos, considerando que ela não pode ser simplesmente medida por meio de um teste de QI⁶. Gardner (2010, p. 18) conceituou a inteligência como sendo, “um potencial biopsicológico de processar informações de determinadas maneiras para resolver problemas ou criar produtos que sejam valorizados por, pelo menos, uma cultura ou comunidade” e “as bases para suas conclusões envolviam evidências persuasivas que apontavam para a existência de diversas competências intelectuais humanas relativamente autônomas abreviadas como ‘estruturas da mente’” (BOTTENTUIT; SILVA, 2015, p. 71-72).

Por fim, tem-se Honey-Alonso, que conceituaram os estilos da aprendizagem como sendo como “traços cognitivos, afetivos e fisiológicos que servem de indicadores relativamente estáveis no modo do aluno perceber, interrelacionar e responder as situações de aprendizagem” (ALONSO, 2002 apud NATEL; TARCIA; SIGULEM, 2013). Eles classificaram os estilos de aprendizagem em quatro categorias:

- Ativo: é o indivíduo mais espontâneo, enérgico. Tendo este perfil, arrisca-se mais e toma a frente em decisões, recebendo um caráter de liderança. Prefere partir para a prática, adere a mudanças e novas situações.
- Reflexivo: tende a ser mais ponderado e cuidadoso, mais paciente e detalhista, assim transfere isso em sua argumentação, assimilação e resoluções.

5 Psicólogo norte-americano que desenvolveu a teoria das inteligências múltiplas.

6 QI: quociente de inteligência, medição da inteligência por meio de cálculos matemáticos.

- Teórico: tem atitudes mais articuladas e estruturadas, possui disciplina e objetividade. Isso o leva a questionar e depois disso processar sistematicamente as informações obtidas.
- Pragmático: caracteriza-se por ser prático e realista, aposta na simulação para obter o aprendizado, experimenta, avalia e testifica. Dessa forma, planeja suas ações.

Nessa observação dos estudos de Honey e Alonso, percebe-se que eles priorizam identificar as principais características do indivíduo em questão, detectando suas peculiaridades, para classificar seu estilo.

Aprendizagem no ensino superior x estilos de aprendizagem

Conforme Silva e Neto (2010), o estilo de aprendizagem é um conceito pertinente para os docentes, pois reflete em sua metodologia. Geralmente um docente tem a tendência de ensinar de acordo com suas preferências de adquirir o conhecimento, ou seja, ensinar de acordo com seu estilo de aprendizagem.

Esse processo interno e inconsciente, na maioria dos docentes, é analisado quando cada um deles tem a oportunidade de estudar e medir suas preferências de aprendizagem, que logo resultam em preferências que modelariam o seu estilo de ensinar. A educação no ensino superior deve ser pensada estrategicamente, visando à melhoria no processo ensino-aprendizagem (BISINOTO; MARINHO-ARAÚJO, 2014).

Segundo Brasil (1996), a educação superior tem por finalidade formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira e colaborar na sua formação contínua. Assim, a aprendizagem no ensino superior abrange os aspectos de desenvolvimento cultural, pensamento reflexivo e científico. A educação superior se dá por meio do ensino, da pesquisa e da extensão: o ensino visa à formação crítica e a capacitação de uma profissão; a pesquisa tem por objetivo o avanço do conhecimento teórico e prático;

a extensão traz benefícios culturais, sendo esta aberta à população (BISINOTO; MARINHO-ARAUJO; ALMEIDA, 2014).

Houve um aumento no número de ingressantes no ensino superior devido aos diversos programas do governo brasileiro, como: o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que teve a primeira prova realizada para avaliar o nível dos alunos do ensino médio. Posteriormente seus resultados foram sendo utilizados pelo Sistema de Seleção Unificada (Sisu) para o ingresso das pessoas no ensino superior em universidades – aliás, esse programa se tornou muito importante para a ascensão do ensino superior no Brasil pois, além de proporcionar o acesso à educação superior, também serve como certificação de conclusão do ensino médio, proporcionando a posterior inserção desses alunos no ensino superior. Outro programa do governo é o Programa Universidade para Todos (Prouni) e o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies), que proporcionam a entrada dos alunos em faculdades do país por meio de bolsas de estudo.

Apesar da facilidade em ingressar no ensino superior, muitos alunos acabam ficando retidos e não conseguem concluir o curso no tempo esperado, devido à sua base fundamental. Quando se entra no ensino superior, a falta de leitura e estrutura que deveria ser trazida do ensino fundamental faz falta, e as dificuldades na aprendizagem dos novos conteúdos começam a acontecer.

No ensino superior, percebe-se uma consolidação do EA e isso se torna visível na medida em que a maioria dos alunos já apresentam suas ideias, sua índole e seu caráter. Nas salas de aula, os professores têm o desafio de lidar com cada um e ainda de aplicar atividades diversas com o intuito de revelar as potencialidades de cada aluno e trabalhar considerando as dificuldades tornando-o capaz de desenvolver-se. Para que isso ocorra, é necessário que o professor possua uma relação de cumplicidade com seu aluno, para assim perceber quais são as dificuldades que ele está tendo.

Segundo Nunes e Silveira (2011), o desejo de aprender move o aluno em direção ao conhecimento, à busca constante do saber.

Quando essa busca pelo conhecimento parte do aluno, o processo de aprendizagem ocorre de forma significativa, pois partiu da curiosidade e do interesse do educando, acarretando uma busca maior pelo conhecimento, vendo o estudo não como forma obrigatória, mas satisfatória.

Dentro dessa perspectiva, o uso do EA pode ajudar o discente na assimilação do conteúdo; usando o estilo correto, a aprendizagem pode ser mais prazerosa e desgastante quando alguns alunos passam todo o curso procurando métodos para apreender os conteúdos de formar mais fácil, chegam a usar seus amigos como exemplo, mas cada pessoa possui seu próprio estilo. De acordo com Nogueira (2012), o conceito dos estilos de aprendizagem traz benefícios aos alunos como também aos professores, uma vez que possibilita ao discente conhecer seus pontos fortes e explorá-los com mais atenção para aperfeiçoarem seu aprendizado em sala. E, ao mesmo tempo, na perspectiva do docente conhecer os estilos de aprendizagem do aluno fornece vantagens essenciais na condução das atividades em sala, permitindo aperfeiçoar o potencial de aprendizado.

Segundo Armstrong (2001), uma ampla variedade de estratégias de ensino pode ser facilmente implantada em sala de aula. Com a diversidade dos EA presente na sala de aula, o professor pode utilizar várias metodologias e contemplar os diferentes estilos (DOHMS, 2012). Muitos professores já utilizam a diversidade nas metodologias em suas salas de aula, tornando-as dinâmicas e menos conservadoras. Esses professores possuem uma visão diferenciada de como deve ocorrer o processo de aprendizagem e se preocupam com a aprendizagem significativa dos seus alunos (SÁ; ALMEIDA, 2014).

Procedimentos metodológicos

O estudo aqui apresentado se trata de uma pesquisa de abordagem quanti-qualitativa (SEVERINO, 2007) e quanto aos seus objetivos de pesquisa é classificada como exploratório-descritiva, conforme aponta Gil (2010). Desse modo, o foco deste trabalho,

essencialmente quantitativo, exige um elevado número de amostras para permitir mais precisão nos resultados, sendo assim possibilitando mais interpretações para a população apresentada.

Local de realização de estudo

Realizou-se o estudo em uma instituição de ensino superior pública, localizada na cidade de Floriano-PI, em funcionamento desde 2009, com cerca de 1.302 alunos – dado atualizado até 2015/1, abastecendo academicamente em sua maioria cidades da microrregião de Floriano, contemplando o estado do Piauí e do Maranhão, assim como alguns estados do Brasil, devido ao Enem.

Participantes

Essa pesquisa teve a participação de 400 estudantes universitários e efetivamente matriculados nessa instituição, que tinham origem em comunidades ribeirinhas e, nesse caso, advindos das cidades, distritos e comunidades no entorno do Rio Parnaíba, no estado do Piauí. Eles foram divididos por cursos: Administração 105 alunos, Enfermagem 95, Biologia 90 e Pedagogia 110, totalizando 30% da amostra significativa do total de 1.302 alunos da instituição.

Os critérios para a participação da pesquisa eram: estarem devidamente matriculados na instituição pesquisada; residir em comunidades ribeirinhas; aceitarem participar da pesquisa. Quanto aos critérios e à exclusão da pesquisa, foi apenas a não contemplação dos critérios já mencionados.

Instrumentos de coleta de dados

O questionário utilizado na pesquisa foi o instrumento denominado de “Preferências Perceptuais em Estilos de Aprendizagem Joy Reid” (MAZUROSKI JR. et al., 2008), no qual foi desenvolvido para a investigação dos estilos de aprendizagens. Os participantes da pesquisa

deveriam responder 30 questionamentos e em cada questão poderiam afirmar se “concordo plenamente; concordo; não tenho certeza; discordo e discordo totalmente”, podendo haver uma resposta para cada pergunta, mas várias respostas para cada estilo.

Após somarem os resultados, os estilos eram classificados como superiores, inferiores e indiferentes. Evidenciando que a intenção de estudar as preferências de aprendizagens não é delimitar o estilo de cada indivíduo e excluí-los dos demais estilos, é justamente o oposto: trabalhar as diferenças de estilos que são inferiores ou indiferentes de cada aluno conforme a sua subjetividade.

Procedimento de coleta de dados

Inicialmente foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI, após obter parecer favorável foi feito o contato com o *Campus* para acesso aos gestores e discentes, com a posterior realização da coleta de dados. À instituição foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Institucional (TCI) para que pudesse ser realizada a coleta de dados.

A coleta dos dados ocorreu após esclarecimentos sobre a pesquisa com posterior assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme apontam as regulamentações de ética em pesquisa com seres humanos, em consonância com a Resolução nº 196/96, sendo utilizadas apenas informações pertinentes aos interesses imediatos do objeto de estudo, já explanados nesta pesquisa.

Procedimento de análise de dados

Logo após a coleta, os dados foram organizados e digitados em uma planilha no programa Excel. Desse modo, os dados foram agrupados e, em seguida, estruturados em gráficos de apresentação, em consonância com os objetivos da pesquisa e os respectivos eixos a serem discutidos no instrumento de coleta dos dados.

Os dados foram analisados estatisticamente pelo programa *GraphPad Prism* para estimar aspectos da categorização acerca dos estilos de aprendizagem, no contexto educacional florianense, piauiense em uma instituição do ensino superior público federal.

Seguidamente os dados foram tratados e confrontados com a técnica da Hermenêutica de Profundidade, seguindo suas três etapas: a análise sociohistórica – analisados os dados implícitos inclusos no tempo e espaço; a análise formal ou discursiva – pois parte do pressuposto do que está nos campos sociais; a (re)interpretação – que sucedeu a partir da análise formal, mas se distingue dela, uma vez que esta última permite observar o que está por trás, desconstrói – o cerco epistemológico – , focando sua estrutura interna (VERONESE; GUARESCHI, 2006).

Resultados e discussão

A pesquisa em destaque tem por objetivo principal evidenciar os estilos de aprendizagem dos discentes do ensino superior da rede pública de Florianópolis/PI. Assim sendo, após o processo de catalogação, os resultados da pesquisa são apresentados. Os questionários foram dispostos em tabelas para comportar os conteúdos referentes à pesquisa, com 30 perguntas/afirmações que apontam para um determinado estilo. As opções de resposta estavam dispostas nessa ordem: **Concordo Plenamente 5, Concordo 4, Não Tenho Certeza 3, Discordo 2, Discordo Totalmente 1.**

De acordo com a ideia central da pesquisa, têm-se os resultados obtidos com os discentes do curso, nessa ordem: Administração, Biologia, Enfermagem e Licenciatura em Pedagogia do ensino superior público, com o intuito de verificar os estilos em destaque e os dados referentes a eles. Vale ressaltar que todo o levantamento foi classificado de acordo com o curso, período e turno.

EA do curso de Administração

Esta categoria tem como intenção identificar os EA dos docentes do curso de Administração do ensino superior público, abrangendo diversos períodos e os turnos da tarde e noite, com a duração de 4 anos, tendo como competência a formação humanística e técnica voltada para o desenvolvimento de uma consciência cultural e crítico-valorativa a respeito das atividades pertinentes ao seu campo profissional (PPADM, 2011).

Tabela 1: Estilos de Aprendizagem do curso de Administração (Floriano, 2015).

Estilos de Aprendizagem	Porcentagem %
Grupal	30,48
Sinestésico	29,52
Auditivo	26,67
Visual	17,14
Individual	13,33
Tátil	11,43

Fonte: Banco de dados do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Educacional e Queixa Escolar (PSIQUED).

Mediante aos dados apresentados na tabela acima, vê-se que os estilos Grupal e Sinestésico apresentam preferência principal, seguidos dos estilos Auditivo, Visual, Individual e Tátil. Desse modo, o curso de Administração tem como objetivo geral formar estudantes capazes de liderar, elaborar, gerir e/ou empreender, por meio da análise e observação crítica, utilizando-se dos aspectos científico-metodológicos para a produção de bens e serviços (PPADM, 2011). Dessa forma, algumas atividades podem ser desenvolvidas dentro da sala de aula, levando em consideração o EA preferencial do curso.

De acordo com Lima e Silva (2016), o curso de administração proporciona aos seus alunos capacitação nos diversos ramos ligados à área, como organização empresarial, marketing, recursos humanos, finanças, entre outros.

Segundo Ramos, Stobäus e Vitória (2014), o educando deve aprender, de fato, e não apenas memorizar fórmulas feitas, sem nenhum efeito no ajustamento de sua personalidade. Com a utilização do estilo de aprendizagem, cada aluno pode alcançar formas para organizar os pensamentos e estudar de forma com que o conteúdo seja apreendido por ele. A delimitação de um sistema de aprendizagem em ação no contexto do ensino de administração abrange cinco dimensões integradas: ambiente de aprendizagem, estilos de aprendizagem, reflexão na ação, estratégia de ensino e experiência docente (SILVA, 2012), abrangendo, assim, cada dimensão do sistema de aprendizagem do curso.

EA do curso de Ciências Biológicas

Nesta categoria, tem-se como intenção identificar os EA dos docentes do curso de Biologia do ensino superior público, abrangendo diversos períodos e com dois tipos de horários, o integral (manhã, tarde) e o noturno, com a duração de 4 anos. Os formandos deverão ser capazes de atuar nas diversas áreas profissionais da biologia, sendo enfatizadas ao longo do curso as potencialidades regionais de sua atuação (PPBIO, 2011).

Tabela 2: Estilos de Aprendizagem do Curso de Biologia (Floriano, 2015).

Estilos de Aprendizagem	Porcentagem %
Sinestésico	43,96
Auditivo	24,18
Grupal	23,08
Tátil	19,78
Individual	14,29
Visual	14,21

Fonte: Banco de dados do Núcleo de Estudos e Pesquisas em PSIQUEDE.

De acordo com a Tabela 2, comprova-se que a preferência principal é o estilo Sinestésico, os estilos Auditivo e Grupal também possuem alta preferência, e com preferência indiferente seguem os

estilos Tátil, Individual e Visual. Vygotsky entende que a aprendizagem não deve ser considerada como uma mera aquisição de informações, porém como um processo interno e externo de cada indivíduo. Sendo assim, o estilo Sinestésico é identificado nesses fenômenos de interação, de ação e de relações interpessoais (NEVES; DAMIANI, 2006).

Segundo PPBIO (2011), o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas tem como objetivo fornecer ao futuro biólogo conhecimentos dos conceitos e fenômenos biológicos, possibilitando a este o desenvolvimento de uma postura ético-profissional coerente e responsável, estimular assim atitudes críticas e reflexivas sobre os conhecimentos biológicos e suas implicações sociais (GUIMARÃES et al., 2015).

Corroborando a esse segmento, Nunes e Silveira (2009) argumentam que a aprendizagem pode promover mudança na vida do discente, tanto na vida acadêmica como na social, ou seja, apresenta sempre o novo que está incorporado no cotidiano de cada sujeito.

Diante disso, segundo Armstrong (2001), o estilo Sinestésico inclui habilidades como coordenação, equilíbrio, destreza, força, flexibilidade e velocidade, assim como capacidades cognitivas, táteis e hápticas. Assim, esse estilo proporciona ao aluno diversas formas de aprender – o que facilita o processo de aprendizagem.

EA do curso de Enfermagem

Esta categoria tem como propósito identificar os EA dos docentes do curso de Enfermagem do ensino superior público, abrangendo diversos períodos e no turno integral (manhã, tarde), com a duração de 4 anos. O aluno deve desenvolver as competências e habilidades necessárias para que ele alcance a plenitude do exercício profissional em consonância com os princípios do SUS, com os mandatos sociais de sua profissão e com um espírito humanístico, ético e ecológico (PPENF, 2011).

Tabela 3: Estilos de Aprendizagem do Curso de Enfermagem (Floriano, 2015).

Estilos de Aprendizagem	Porcentagem %
Sinestésico	32,60
Auditivo	31,52
Tátil	16,30
Grupal	16,30
Individual	15,22
Visual	15,22

Fonte: Banco de dados do Núcleo de Estudos e Pesquisas em PSIQUEDE.

Os dados apresentados na Tabela 3 apontaram os estilos Sinestésico e Auditivo como preferência principal, e como preferência inferior estão os estilos Tátil, Grupal, Individual e Visual. Mais uma vez o estilo da ação, movimento e interação recebe preferência principal, desta vez no curso de Enfermagem.

O ensino neste curso deve contemplar não somente o campo da biomédica, mas propor aos seus alunos uma visão crítica, possibilitando uma educação voltada para a autonomia (MUHLBEIER; MOZZAQUATRO, 2011).

Segundo PPEnf (2011), o futuro enfermeiro terá que desenvolver diversas habilidades e competências, tais como: atenção à saúde; tomada de decisões; comunicação; liderança; administração e gerenciamento. Por ser um curso que forma profissional da área de saúde, há a necessidade que esses alunos saiam da universidade capacitados para lidarem com todas as adversidades do dia a dia da sua profissão.

Assim, o estilo Sinestésico sendo a preferência principal do curso de Enfermagem pode tornar as habilidades desses discentes completa, em todos os aspectos necessários. De acordo com Moran (2000), aprende-se mais quando se consegue juntar fatores que se tem interesse, motivação e prazer no que estuda e na forma de fazê-lo. Em outras palavras, para o discente obter uma aprendizagem significativa, faz-se necessário que ele aprimore um interesse pelo conteúdo. O

professor deve procurar desenvolver metodologias que possibilitem a participação efetiva do aluno, levando em consideração o meio em que o aluno está inserido (CYRINO, 2016).

EA do curso de Pedagogia

Esta categoria tinha como intenção identificar os EA dos discentes do curso de Pedagogia do ensino superior público, abrangendo diversos períodos e com dois tipos de horários, o integral (manhã, tarde) e o noturno, com a duração de 4 anos. O aluno do curso de Pedagogia deve ter conhecimentos teóricos e práticos, fundamentando-se em interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social e ética (PPPED, 2011).

Tabela 4: Estilos de Aprendizagem do Curso de Pedagogia (Floriano, 2015).

Estilos de Aprendizagem	Porcentagem %
Sinestésico	33,64
Auditivo	30,00
Grupal	29,09
Tátil	15,45
Visual	13,64
Individual	10,91

Fonte: Banco de dados do Núcleo de Estudos e Pesquisas em PSIQUEDE.

Conforme os dados da tabela acima, percebe-se o percentual maior de preferência dos discentes aos estilos Sinestésico e Auditivo, seguidos dos estilos Grupal, Tátil, Visual e Individual.

Segundo Morin (1986), é essencial não só aprender, mas, sobretudo, organizar o sistema mental para aprender a aprender. Assim, cada aluno possui uma forma particular de adquirir o conhecimento.

O aluno com preferência principal ao EA Auditivo possui mais facilidade de absorver os conteúdos de forma oral e discursiva,

tendo rendimento em atividades, como seminários e debates. O aluno compreende as informações que lhe foram passadas por meios orais, é leitor fonético, que prefere a leitura oral, ou seja, aprende tanto falando como ouvindo. Um estilo de aprendizagem é uma preferência profundamente enraizada que um indivíduo tem relativamente a um tipo particular de aprendizagem (MIRANDA, 2014).

Segundo PPPed (2011), o educando de Pedagogia poderá desenvolver as competências do seu curso, tais como: criar, planejar, realizar, gerir e avaliar situações didáticas eficazes para a aprendizagem e para o desenvolvimento dos alunos, utilizando o conhecimento das áreas ou disciplinas a serem ensinadas, das temáticas sociais transversais ao currículo escolar, dos contextos sociais considerados relevantes para aprendizagem escolar, bem como as especificidades didáticas envolvidas (PACHÊCO, 2016).

EAs dos estudantes do ensino superior por curso de Graduação

Esta categoria tem como intenção identificar os EAs dos discentes do curso de Administração, Pedagogia, Biologia e Enfermagem do ensino superior público, abrangendo diversos períodos e turnos.

Tabela 5: Estilos de Aprendizagem dos Estudantes do Ensino Superior por curso de Graduação (Floriano, 2015).

Estilos de Aprendizagem	Porcentagem %
Sinestésico	34,50
Auditivo	28,00
Grupal	25,00
Tátil	15,50
Visual	15,00
Individual	13,25

Fonte: Banco de dados do Núcleo de Estudos e Pesquisas em PSIQUEDE.

O EA Sinestésico é caracterizado por discentes que tenham facilidade de aprender utilizando a escrita, movimentos corporais com

jogos que envolvam sensações afins, ou seja, preferem realizar ações, sendo muito ativos. Segundo Cerqueira (2000), quando os professores conhecem e respeitam os estilos de aprendizagem peculiares de seus alunos, proporcionam instrução em consonância com eles, tornando, assim, o papel do professor importante na aprendizagem para o aluno.

Segundo Armstrong (2001), os alunos que possuem o estilo Sinestésico pensam de forma somática e gostam de gesticular, construir e tocar. Assim, os discentes podem ter um bom desempenho acadêmico, independentemente da metodologia usada pelo professor.

Para esse EA, o aluno deve realizar atividades nas quais faça experiências, leia e escreva se comunicando com os professores e alunos (FILATRO, 2015). Os professores podem ajudar com aulas dinâmicas, em que os alunos possam se movimentar, escrever, enfim, tudo que possa melhorar no processo de aprendizagem do estudante.

Considerações finais

O ensino superior tem passado por diversas transformações: desde as novas políticas públicas, o acesso está se tornando mais acessível às pessoas. Nesse sentido, a universidade gera o acesso às comunidades ribeirinhas, por meio dos estudantes universitários advindos de lá, e potencialmente pode gerar transformação social. Diante desses fatos, o professor do ensino superior encontra alunos cada vez mais jovens, com uma formação básica precária, acarretando dificuldade no processo de ensino-aprendizagem. Uma das principais dificuldades encontradas pelos alunos são as novas metodologias usadas pelos professores, as quais não estão acostumados, trazendo assim transtornos à sua vida de acadêmico.

O estudo tem como relevância servir de respaldo para um futuro mapeamento dos EAs dos discentes do ensino superior, podendo ser usado pelos alunos e pelos professores. Sobretudo, os resultados obtidos podem contribuir para o melhor desenvolvimento dos discentes, com novas propostas metodológicas baseadas no EA preferencial de

cada curso, transformando assim o processo de ensino-aprendizagem de forma mais diversificada e compatível com o processo formativo oportunizado em cada curso, considerando suas particularidades e exigências, bem como as singularidades dos estudantes.

Referências

ALMEIDA, A. C. P. F. de; QUINTAS, H. L.; GONÇALVES, T. I. C. Estudantes não tradicionais no ensino superior: barreiras à aprendizagem e na inserção profissional. **Laplage em revista**, v. 2, n. 4, p. 97-111, 2016.

AMORIM, M. C. M. dos S. et al. Learning and Digital Games: a dialogue with technical secondary education students. **Educação & Realidade**, v. 41, n. 1, p. 91-115, 2016.

ARMSTRONG, T. **Inteligências múltiplas na sala de aula**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001, 192 p.

BISINOTO, C.; MARINHO-ARAÚJO, C. M. Sucesso acadêmico na educação superior: contribuições da psicologia escolar. **Revista E-Psi**, v. 1, p. 28-46, 2014.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

_____. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira Censo da educação superior: 2013 – resumo técnico**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013.

BOTTENTUIT, J. J. B; SILVA, D. S. T. F. Perspectivas da teoria das inteligências múltiplas para a educação a distância: um estudo no curso de licenciatura em pedagogia do NEAD-UFMA. **Educaonline**, v. 9, n.1, jan./abr. 2015.

CERQUEIRA, T. C. S. **Estilos de aprendizagem em universitários**. Campinas: UNICAMP, 2000.

CYRINO, E. G. et al. Há pesquisa sobre ensino na saúde no Brasil? **ABCS health sci**, v. 40, n. 3, 2016.

DOHMS, K. P. et al. Docente e discente: interinfluências nos processos de ensino e de aprendizagem. **Educação por Escrito**, v. 3, n. 2, 2012.

FILATRO, A. **Estilos de aprendizagem**. [S.l.: s.n.], 2015.

GABRIEL, R.; MORAIS, J. KOLINSKY, R.. A aprendizagem da leitura e suas implicações sobre a memória e a cognição. Ilha do Desterro. **A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies**, v. 69, n. 1, p. 61-78, 2016.

GARDNER, H. **Estructuras de la mente**. México: Fondo de Cultura Económica. [S.l.: s.n.], 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

GUIMARÃES, A. et al. Inovações no ensino de ciências e biologia: a contribuição de uma plataforma de colaboração online. **CIAIQ 2015**, v. 5, 2015.

LEITE, K. N. S. et al. The use of information technology and communication among teachers in the light of Grounded Theory. **Journal of Nursing UFPE on line**, v. 10, n. 2, p. 515-523, 2016.

LIMA, T. B. de; SILVA, A. B. da. Difusão das perspectivas teóricas da aprendizagem na formação de administradores. **REICE – Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación**, v. 11, n. 3, 2016.

MAZUROSKI Jr., A. et al. Variação nos estilos de aprendizagem: investigando as diferenças individuais na sala de aula. **ReVEL**, v. 6, n. 11, ago. 2008.

MIRANDA, L.; MORAIS, C. Estilos de aprendizagem: o questionário CHAEA adaptado para língua portuguesa. **Journal of Learning Styles**, v. 1, n. 1, 2014.

MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000.

MORIN, E. **O método**: o conhecimento do conhecimento. São Paulo: Mem Martins, 1986.

MUHLBEIER, A. R.; MOZZAQUATRO, P. M. Estilos e estratégias de aprendizagem personalizadas a alunos das modalidades presenciais e a distância. **RENOTE**, v. 9, n. 1, 2011.

NATEL, M. C.; TARCIA, R. M. L; SIGULEM, D. A aprendizagem humana: cada pessoa com seu estilo. **Psicopedagogia**, v. 30, n. 92, 2013.

NEGREIROS, F. Queixas escolares no ensino de história: concepções de professores da rede pública de ensino da microrregião de Floriano/PI. **Contraponto: Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI**. Teresina, v. 2, n. 2, ago. 2015.

NEVES, R. A; DAMIANI, M. F. Vygotsky e as teorias da aprendizagem. **UNIrevista**, v. 1, n. 2, 2006.

NOGUEIRA. Desempenho acadêmico x estilos de aprendizagem segundo Honey-Alonso: uma análise com alunos do curso de Ciências Contábeis. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 137, 2012.

NUNES, A. I. B. L; SILVEIRA, R. N. **Aprendizagem**: um conceito histórico e complexo. Psicologia da Aprendizagem: processos, teorias e contextos. Brasília: Liber Livro, 2009.

_____. **Psicologia da aprendizagem**: processos, teorias e contextos. 3. ed. Brasília: Liber Livro, 2011.

PACHECO, F. R. O uso do ensaio no ensino superior: a pedagogia de Alain para além das crianças. **Pedagogia em Foco**, v. 10, n. 4, p. 33-45, 2016.

PIMENTEL, A. A teoria da aprendizagem experiencial como alicerce de estudos sobre desenvolvimento profissional. **Estudos de Psicologia**, v. 12, n. 2, p. 159-168, 2007.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM ADMINISTRAÇÃO – PP ADM. Universidade Federal do Piauí/UFPI – Campus Amílcar Ferreira Sobral/CAFS. Floriano: CCHL, 2011.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM BIOLOGIA – PP BIO. Universidade Federal do Piauí/UFPI – Campus Amílcar Ferreira Sobral/CAFS. Floriano: CCN, 2011.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA – PP PED. Universidade Federal do Piauí/UFPI – Campus Amílcar Ferreira Sobral/CAFS. Floriano: CCE, 2011.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM – PP ENF. Universidade Federal do Piauí/UFPI – Campus Amílcar Ferreira Sobral/CAFS. Floriano: CCS, 2011.

RAMOS, M.; STOBÄUS, C. D.; VITÓRIA, M. I. C. A pessoa do leitor/escritor durante sua graduação: fatos, sentimentos e possibilidades. **Revista Temas em Educação**, v. 23, n. 2, p. 188-202, 2014.

ROMERO, J. G. I. G.; SOLÍS, F. M. V.; SOLÍS, M. D. V. Las incapacidades de aprendizaje organizacional y los estilos de aprendizaje en la industria papelera, cartonera y de celulosa de México. **Universidad & Empresa**, v. 17, n. 29, p. 35-62, 2016.

SÁ, M. A. Á. dos S.; ALMEIDA, M. do C. S. Deu branco! A escrita de trabalhos acadêmicos e o uso dos conectores. **Educação por Escrito**, v. 4, n. 2, p. 129-139, 2014.

SANTOS, W. S. Educar pessoas jovens, adultas e idosas com o uso das novas TICs. **Temática**, v. 12, n. 01, 2016.

SANTOS, J. C. F. **Aprendizagem significativa**: modalidade de aprendizagem e o papel do professor. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

SCHMAL, R. et al. **Estilos de aprendizaje en la enseñanza superior**. [S.l.: s.n.], 2016.

SEVERINO, A. J. **Metodologia de trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, D. M; NETO, J. D. O. O impacto dos estilos de aprendizagem no ensino de Contabilidade. **Contabilidade Vista & Revista**, v. 21, n. 4, p. 123-156, 2010.

SILVA, A. B. et al. Dimensões de um sistema de aprendizagem em ação para o ensino de Administração. **Administração: Ensino e pesquisa**, v. 13, n. 1, p. 11-46, 2012.

TREVELIN, A. T. C. Estilos de aprendizagem de Kolb: estratégias para melhoria do ensino-aprendizagem. **Estilos de Aprendizagem**, v.7, n. 7, abr. 2011.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VERONESE, M. V.; GUARESCHI P. Arcides. Hermenêutica de profundidade na pesquisa social. **Revista de Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, n. 2, v. 42, p. 89-93. maio/ago. 2006.